



RASTROS DA VIAGEM Instalação “Linha: Tempo: Espaço”, de Moscheta, na Galeria Leme

SOCIEDADE DE ARTISTAS EXPLORADORES

Plataforma Atacama apresenta resultado das expedições artísticas de Hamish Fulton e Marcelo Moscheta no deserto chileno

MARCELO MOSCHETA – 1.000, 10.000 ANOS – PLATAFORMA ATACAMA/ Galeria Leme, SP/ até 8/6, HAMISH FULTON – ATACAMA 1234567/ Roesler Hotel #22, SP/ até 1/6

Marcelo Moscheta nasceu em Campinas, São Paulo, e se auto-define como “um artista viajante que vê o mundo como os românticos do século 19 ou como os grandes exploradores do Ártico”. Em 2011, ele se aproximou de suas referências e passou duas semanas navegando as águas geladas do Círculo Polar Ártico. Hamish Fulton é britânico e desde 1969 tem desenvolvido uma prática artística que consiste em caminhar. Em 40 anos, realizou expedições na Inglaterra, Escócia, País de Gales, México, Canadá, Tibete, Índia e mais uma dezena de países.

Auto-define-se como um “walking artist” (artista caminhante). Alexia Tala é curadora. Nasceu no norte do Chile, onde desde pequena interage com as comunidades e as paisagens do deserto do Atacama. Moscheta e Fulton foram convidados por Alexia a andar por vários dias em San Pedro de Atacama e arredores para refletir sobre a vastidão da geológica e cultural que compõe o deserto mais árido do mundo. Esta é a proposta da



ARTISTA CAMINHANTE Instalação de Hamish Fulton na Galeria Nara Roesler

Plataforma Atacama, um projeto artístico iniciado em março de 2012 e em processo.

Moscheta foi o primeiro viajante do projeto. Fulton viajou em novembro de 2012 para a vila de Machuca, perto da fronteira boliviana, onde iniciou seu “walking project” de 14 dias. Nenhum deles estava interessado em trazer rochas ou ossos para a civilização ou, mais especificamente, para as galerias paulistanas, onde eles realizam atualmente exposições individuais resultantes de seus processos exploratórios. À primeira vista, Marcelo Moscheta até parece ter feito isso. Sua instala-



ESCULTURA AO AR LIVRE Moscheta realiza alinhamento de pedras no deserto do Atacama

ção “Linha: Tempo: Espaço”, na Galeria Leme, é formada por um acumulado de elementos que parecem ser rochas. São, no entanto, objetos em cerâmica, que replicam centenas de vezes uma mesma pedra paleolítica, emprestada da coleção de uma arqueóloga local. O trabalho traduz para o espaço da galeria a ação que o artista realizou in loco, alinhando rochas ao longo do Trópico de Capricórnio, próximo a um caminho Inca.

A geologia, a geografia, a astronomia e a história orientam o trabalho de Moscheta. Já Hamish Fulton, segundo a curadora Alexia Tala, se relaciona menos com a tradição da land art norte-americana e mais com práticas site-specific (pensadas para um determinado tempo e espaço). “É impossível representar a experiência de caminhar. O que temos aqui é outra coisa”, disse Hamish Fulton em conversa na Galeria Nara Roesler, onde apresenta a exposição “Atacama 1234567”.

Em agosto próximo, o terceiro artista a realizar a residência na Plataforma Atacama e a entrar para a sociedade de artistas-exploradores será o brasileiro Caio Reisewitz.

ROTEIROS

Volta ao mundo em placas de hotéis

HÜSEYİN BAHRI ALPTEKİN – Festival Istanbul Agora/ SESC Pompéia, SP/ até 9/6

Cinco palavras estão na gênese da obra do artista contemporâneo turco Hüseyin Bahri Alptekin: fatos, incidentes, acidentes, circunstâncias, situações. Elas nomeiam as diversas séries e grupos de trabalhos realizados pelo artista em duas décadas de uma carreira interrompida em 2007. Bordadas em fronhas de hotel, e posicionadas na entrada de sua primeira exposição no Brasil, essas palavras funcionam como uma carta de intenções, ou um mapa de orientação dos caminhos de um artista que teve o trânsito como combustível de sua criação – desde os tempos que atuou como fotojornalista da Sipa Press, nos anos 1980.

“Tendo produzido em um período em que o circuito das artes passava por um processo de intensificação de trocas internacionais (com a proliferação de programas de residência artística e das exposições coletivas com artistas de todas as partes do globo), Alptekin viveu e refletiu intensamente sobre este momento”, afirma a crítica de arte Kiki Mazzucchelli, que assina a curadoria da mostra com a artista Camila Rocha, com quem Alptekin foi casado. Foi numa dessas residências, em Helsinque, que Camila e Alptekin se conheceram. Depois, eles viajaram ao Rio de Janeiro, onde fizeram juntos uma residência no Capacete, em Santa Tereza. “No Rio, alugávamos um pequeno barco e íamos para a baía da Guanabara fotografar aviões. Um desses aviões entrou para a série dos Incidentes e foi intitulado ‘Incidente Glória’”, conta Camila Rocha.

“Incident-s” é também o nome de uma série de vídeos gravados em diferentes cidades do mundo. Projetados lado a lado no SESC Pompéia, “Incident-s Ipanema” e “Incident-s Bombay” aproximam dois momentos vividos em praias do Rio e da Índia. Como artista viajante que foi, Alptekin realizou várias colagens com fotos, textos e rastros de seus caminhos. Camila conta que esses trabalhos eram também chamados de “De-collages”, palavra que ganha nova camada de sentido em português, aproximando-se dos aviões que atravessaram várias fases da obra de Alptekin.

Entre pousos e decolagens, Hüseyin Bahri Alptekin colecionava fotografias de luminosos de hotéis com nomes de cidades e países. A prática rendeu a obra “Capacity”, de 1998 (foto) e a instalação “H-Fact: Hospitality/ Hostility”, que especula sobre a vida na estrada.

